

Desequilíbrio no turismo

ANDRÉ VIANA DE PAULA

Empresário, consultor em turismo, especialista em gestão estratégica de empresas

O Banco Central (BC) divulga mensalmente os resultados da balança turística, a qual corresponde ao saldo entre os gastos dos visitantes estrangeiros no Brasil e as despesas dos turistas brasileiros no exterior. Ultimamente, uma tendência vem ganhando muita força nessa relação. Os gastos externos têm crescido em uma proporção muito maior que os dos estrangeiros no Brasil. O resultado disso é um déficit de quase US\$ 3 bilhões na balança turística. Neste contexto, o governo federal aumentou de 2,38% para 6,38% a tarifa do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para compras no cartão de crédito feitas lá fora.

Essa medida, que visa a desestimular as compras no exterior, na verdade, é uma ação isolada e com efeito prático bastante duvidoso quanto aos benefícios para o país. O fato é que ninguém deixará de gastar lá fora, por dois motivos. Em primeiro lugar, os brasileiros poderão utilizar os cheques de viagem, cartão de débito pré-pago ou mesmo o dinheiro em espécie para os seus gastos sem sofrer com o IOF. Em segundo lugar, com o crescimento de sua renda, os brasileiros de-

sejam materializar os seus sonhos de viagens e consumo e, com certeza, um acréscimo de 4% no IOF não vai frear esse desejo. Portanto, é possível concluir que este aumento não passa de um disfarce para a ampliação da já altíssima carga tributária paga pelos brasileiros.

Brasil não consegue ultrapassar a barreira dos 5 milhões de visitantes estrangeiros

Antes de qualquer aumento de impostos, deveriam ser avaliados os motivos reais do déficit na balança turística, pois eles têm sua origem em território nacional. É fácil apontar razões que prejudicam o turismo brasileiro. A excessiva carga tributária a que são submetidas as agências e operadoras de viagens, companhias aéreas e hotéis; o real supervalorizado em relação ao dólar; e as deficiências de infraestrutura com aeroportos obsoletos e “estradas da morte”, comprometem a competitividade dos destinos e empresas locais. Em relatório elaborado pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil acaba de cair oito posições no ranking global de competitividade do turismo, ocupando agora o 52º lugar, tendo perdido posições para países como Porto Rico.

Outro problema que contribui para o déficit é a incompetência dos órgãos de promoção do turismo brasileiros na captação de turistas para o nosso país. O resultado é que o Brasil não consegue ultrapassar a barreira dos 5 milhões de visitantes estrangeiros, em um processo de estagnação que já dura mais de 10 anos. No ranking de entrada de turistas estrangeiros da Organização Mundial de Turismo (OMT), o Brasil fica atrás de países como Malásia e México, onde desembarcam quatro vezes mais estrangeiros do que aqui. Dados como estes devem conduzir a uma reflexão sobre a veracidade da expressão “o Brasil é o país da moda”, tão repetida ultimamente. Portanto, é cruel penalizar com aumento de impostos o brasileiro que começa a ampliar seus horizontes ao conhecer novos lugares e diferentes culturas. Na verdade, o que deve ser feito para que a balança de viagens atinja o equilíbrio é direcionar estratégias e ações para a solução dos gargalos que impedem o desenvolvimento sustentável do turismo no Brasil.

Enem e professores

MARCO ANTÔNIO SILVA

Professor de história, doutorando em educação pela UFMG



Em 2009, o ministro Fernando Haddad anunciou que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ocuparia um novo status no sistema educacional brasileiro. Universidades conceituadas como a UFMG curvaram-se rapidamente às solicitações do Ministério da Educação aceitando os resultados do Enem em substituição à primeira etapa do vestibular. Essa modificação no mecanismo de acesso às melhores universidades do país foi sem dúvida um importante passo na reestruturação dos currículos do ensino médio. As provas de vestibulares sempre tiveram peso no tipo de currículo praticado no ensino médio. Para manter bons índices de aprovação, muitas escolas eram forçadas a priorizar o conhecimento acadêmico desprovido de vinculação com as situações sociais, políticas, econômicas e culturais que interferem no cotidiano dos adolescentes.

O modelo do Enem é compatível com outra abordagem dos conteúdos e do currículo escolar que já está em curso, ou pelo menos deveria, há mais de 20 anos. Desde 1990, representantes de mais de 150 países, inclusive do Brasil, reunidos na Conferência Mundial de Educação de Jomtien, na Tailândia, definiram novos parâmetros para a educação em todo o planeta. Obviamente, um novo paradigma exige uma mudança de concepções e hábitos de professores, gestores e instituições. Isto inclui os que elaboram os exames de avaliação em massa que parecem ainda estar procurando um caminho mais sólido. Na lógica que orienta a confecção destes exames, que deve ser a mesma que direciona os currículos escolares, o conteúdo acadêmico não tem um fim em si mesmo. Esse conteúdo é tido como uma ferramenta para a compreensão consistente, crítica e coerente da realidade. Em outras palavras, a concepção de ensino alicerçada na memorização descontextualizada de conteúdos vem sendo substituída por testes que exigem dos estudantes um patamar cognitivo mais elevado de conhecimento: o letramento. Trata-se da condição intelectual adquirida por sujeitos que conseguem utilizar a leitura e a escrita de forma eficiente nos mais diversos contextos sociais. O indivíduo letrado não é apenas capaz de ler corretamente palavras e frases com seus acentos e símbolos de pontuação.

Para além disso, sabe utilizar-se da leitura para compreender melhor diversas situações presentes no cotidiano, como interpretar o manual de algum aparelho, uma tabela de voos nos painéis de aeroportos, um artigo jornalístico ou as cláusulas de um contrato. As habilidades de letramento, por sua vez, não são desenvolvidas exclusivamente em língua portuguesa. O letramento em matemática, por exemplo, é essencial para auxiliar na interpretação coerente e eficaz da infinidade de números presentes em nosso cotidiano como, as taxas de juros co-



bradas por instituições de crédito e bancos e os cálculos necessários para o planejamento do orçamento doméstico.

Em disciplinas como a história, as habilidades de letramento são essenciais para o exercício da cidadania. O conhecimento do passado pode auxiliar na compreensão de inúmeras situações do presente, como o significado da comemoração da Inconfidência Mineira, do Dia do Trabalho, da Semana da Consciência Negra, além da importância de utilizar a memória para uma escolha consciente dos nossos representantes no Legislativo e Executivo.

É legítimo utilizar o Enem para fomentar mudanças na qualidade da educação. Mas nada será feito sem melhorias na remuneração dos profissionais do ensino básico

É legítimo utilizar o Enem para fomentar mudanças na qualidade da educação. Entretanto, não teremos mudanças consideráveis sem investimentos na melhoria das condições de trabalho, remuneração e formação dos professores do ensino básico. Não há outro

caminho para que tenhamos uma educação compatível com as necessidades e a grandeza deste país continental. A equipe que há mais de oito anos ocupa o Ministério da Educação precisa estar consciente de que trabalhar nessa direção é a sua verdadeira missão frente à nação brasileira.

Risco desnecessário

DAN M. KRAFT

Advogado, mestre em direito comercial (UFMG) e internacional (Londres)

Os Estados Unidos estão quebrando? Seriam incapazes de pagar sua dívida pública? Há poucos dias, a agência de classificação de riscos Standard & Poor's (S&P) piorou a nota dos EUA, formalizando um temor que tem rondado o mundo há algum tempo. Com uma dívida pública superior aos percentuais que condenaram Grécia e Portugal a pedirem ajuda ao Fundo Monetário Internacional (FMI), os EUA são uma potência econômica que, se não corrigir rota, mantém um rumo perigoso. Surgem daí duas indagações importantes. A primeira tem tom de indignação: quem é a S&P para dizer o que é ou não risco? A segunda se relaciona com o caráter surreal de cogitar que a maior potência econômica e militar do mundo se encontra em dificuldades insuperáveis.

O histórico das agências de risco não poderia ser pior neste século. Nós o iniciamos com notas majestosas que recomendavam investimentos em empresas de informática sem qualquer ativo. Todas acabaram explodindo, no que se conhece por bolha das ponto.com, e com elas arras-

ou-se a poupança de muita gente, especialmente nos EUA. Mais recentemente, o empacotamento de dívidas imobiliárias perpetrado especialmente pelos bancos dos EUA e do Reino Unido foi bem avaliado pelas agências de risco, que induziram investidores (muitos deles qualificados) a comprar papéis que, na verdade, eram verdadeiros micos. A conta acabou caindo no colo dos contribuintes.

Lado a lado com as agências de risco, questiona-se a lisura dos processos perpetrados pelas firmas de auditoria. Desde que ocorreram os escândalos Enron e Worldcom em fins do século passado, vem ocorrendo uma modernização no sistema de governança corporativa, induzida pela Lei Sarbanes Oxley (conhecida como SOX), mas a reputação das empresas de auditoria não poderia estar mais em baixa do que depois de 2008. Recentemente, tivemos a tragédia do Banco Panamericano, cujas irregularidades passaram ao largo da lupa das supostas auditorias.

Parece que o recado que a S&P quer dar é simples: os EUA parecem longe de estar na situação de declarar a moratória de sua dívida, mas encontram-se num impasse político-governamental. Com um Congresso engessado, em que re-

publicanos e democratas divergem em quase tudo o que desejam fazer, os problemas reais acabam não sendo encarados. O presidente Barack Obama não tem conseguido levar adiante sua bandeira de maior intervencionismo do estado na economia, pois isto afeta o conceito de livre-empresa, tão próprio àquele povo. Por outro lado, a legião de desassistidos e excluídos tende a aumentar. Esse dilema gerencial trava o governo, haverá eleições em 2012 e o dinheiro continua sendo pelo ralo, com a economia incapaz de manter o enorme contingente militar das missões no Oriente Médio e na Ásia e, ao mesmo tempo, criar empregos.

Autores questionam se o Ocidente não estaria se encaminhando para uma falência total. Aos catastrofistas o cenário é atraente, mas muito pouco provável. Os ciclos econômicos e sociais são conhecidos, e uma revolução na educação e na utilização dos meios já se iniciou face à necessidade. Novas formas de trabalho e de criação de valor surgem, indicando que, em poucos anos, uma nova organização econômica global se estabelecerá. E aí concluiremos, mais uma vez, que as agências de risco eram absolutamente dispensáveis.

S/A ESTADO DE MINAS

FUNDADO EM 7 DE MARÇO DE 1928

DIÁRIOS ASSOCIADOS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

SUCURSAL SÃO PAULO

SUCURSAL RIO DE JANEIRO

TELEFONES DE APOIO

Redação (31) 3263-5330	Cultura - TV - Pensar e Divirta-se (31) 3263-5126
Editorias:	Fotografia (31) 3263-5214
Gerais (31) 3263-5244	Turismo (31) 3263-5333
Política (31) 3263-5293	Informática (31) 3263-5360
Economia e Agropecuária (31) 3263-5103	Veículos (31) 3263-5078
Esportes (31) 3263-5313	Bem Viver, Gurilândia e Guia de Negócios (31) 3263-5048
Internacional (31) 3263-5301	Feminino & Masculino (31) 3263-5260
Opinião (31) 3263-5373	

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Belo Horizonte (31) 3263-5800
Outras Localidades 0800 031 5005

DISTRIBUIDOR DE ASSINATURAS INTERIOR

0800 283 5062

SERVIÇO DE ATENDIMENTO À VENDA AVULSA

Capital e Contagem - (31) 3263-5830
Interior de Minas Gerais - 0800-283-5062
Telefax - Circulação: (31) 3263-5961

DEPARTAMENTO DE COBRANÇA

(31) 3263-5421

DEPARTAMENTO COMERCIAL

(31) 3263-5501 e (31) 3263-5224

AGÊNCIAS

O ESTADO DE MINAS trabalha com as seguintes agências de notícias: Agência Estado, Agência O Globo, Agência Folha, France-Presse e Reuters.

PARA ASSINAR
LIGUE

Belo Horizonte
(31) 3263 5800
Outras Localidades
0800 031 5005

TABELA DE PREÇOS

Localidade	VENDA AVULSA (R\$)	
	2º a sábado	Domingos
MG, SP, RJ capital	2,00	3,00
RJ (interior), ES e DF	3,00	4,00
Outros estados	4,50	6,00

PARA ANUNCIAR
LIGUE

Classificados
Pequenos Anúncios Fonados
(31) 3228-2000

D.A. PRESS MULTIMÍDIA



ATENDIMENTO PARA VENDA E PESQUISA DE IMAGENS:
Pessoalmente: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Cobertura - 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 13 às 17h

E-mail, fax ou telefone: (61) 3214.1575/1582 | 3214.1583 | dapress@dabr.com.br
De segunda a sexta, das 10 às 0h / sábados, 14 às 20h / domingos e feriados, das 16 às 22h